

dédalus vago

Alexander Nassau

I

estou gasto
como aquela palavra que
parece
vã [avulsa]

dispensável última
embora sempre a primeira
como na deriva:
 qualquer passo é inaugural

mas nenhum horizonte é como
antes

estou posto
mesa limpa ossuda
 ou vasta

nem mesmo corto as aparas e me
recomponho com a mesma
sombra

simulação para quem vier beijar a
lona do desprendimento

mas é só escuridão

braço cansado da própria carne

busco a liquidez dos mares que não precisam mais
responder a nada

ou

lixar a pele como se

o sangue fosse

dizer

quais circuitos

quais?

estou curto

num porto

num corpo aberto

[o antibarco também vai

a ave cursora também

voa

no semcéu]

num marco

apenas calculo a distância

sal e pausa

há tantas oficinas de desejos

[na curva

a fera óbvia

não existe e

observa]

ver apenas

como antiguepardo

estou perto

menos corpo
sou passagem
mas não quero a existência [nome de insistir]
[the lifer soterrado]
quero a demora

pulsação nula do cataléptico
luz pelo espaço sem ter onde chegar

alcanço meu dente meu livro meu metro
meu meio
alcanço o voo cego e a
cinza plena de

recortes

nome de inúmeras quedas

instalo a roupa
o signo isola
nenhum filho se arremessa a meus pés

não há felicidade na metáfora

e ainda que não fosse breve poeira a cinza que paira
sobre os móveis
onde as digitais dos pratos dos copos do garfo
envelhecem um jantar
ainda assim seu olho-em-pó me via
vulto
vulto que eu retocava com insetos macios de
concentração

corpo que eu contraía
infecção

colagem
[não há felicidade na insistência?]

não era rosto
não eram
braços
não era gesto
sequer um invento de eletrochoques e suores e mucosas
nuvem tóxica
árvore de esquecimento

vulto que eu retocava com insetos macios de pronomes
mas os insetos foram saindo
buscando a flor diversa que nunca vi
[estou vazado]
os ciclos dos voos

romperam os quase horizontes
e em meu olho em que quase nunca era dia
amanheceu
como o silêncio do tempo polar
o olhar do suicida convicto quando olha o
mundo e já não o nomeia
olhar de quem está morto
e seu coração ainda bate num corpo de si esquecido

ou queda

quase não é dia no meu olho
passei por uma porta escura

os pontos negros

meu quadro clínico exuberante sorriso fantasma
dorme sedada nos alvéolos das tintas
erwartung
a morcega de schönberg na floresta destroncada

circuito

III

meu cão meu sono meu modo
 meu roubo

asa

meu saldo meu sexo
pâncreas verbo metro meu fraco
meu lado

meu próximo plural

sangue

sal

monstro

meu corte remo livro

meu livro que ficou entre tatuagem e

 pássaros pobres empoleirados

meus dizeres — por assim não dizer

estou morrendo

morrendo agora

escrevam tudo

eu escrevi tudo

disseram que o céu — que só muito treme com

a orgia

de aviões e mais nada — estremeceria quando o
verso o riscasse
meu livro que ficou entre a raia e o atleta
e a cinza de lumière

há uma floresta na sexta página — mesa de camelot —
aquela maçã

e dentro um código de barras
por que ninguém quer comê-la?
estou morrendo

meu cão late um verso meu deus cobra caro
a página estala há brasas nas letras
assoprem

o tigre se foi e os rastros são isto: passado
meu lacre meu susto meu velho verso
meu lado do papel é outro

IV

cair

servir-se onde há fogo
cuspir um número aberto
círculos

todo céu possível
cabe nos vidros daquele
edifício
traçado na asa da cena

e a
asa
é uma teia

cada vez que
nada for
a vez serão as garras de
seu último fóssil dos saltos

recolher as mãos
[você as perdeu demais]
seu sonho dínamo
avesso
ficou lá
batendo a cabeça nos pregos
da travessia
abismo um afago de mãe cega
mas não precisa acreditar

a asa
uma teia
desatino do voo

alguns de seus avatares ainda riscam
os livros
jogam o jogo vago de respirar a nenhuma dor do
tempo

na omoplata colateral
do sonho
o sinal de
onde aplicaram
um sedativo
silêncio do número

a cor do sonho é depois

não quebra não rasga

o cabelo cai e em cada um há tinta crespa

de sonho

seus inimigos de cabeceira velam

quando

é

noite

uma pergunta pousou na escuridão — só eles a veem

o judas lúdico impacienta-se no corredor

quer ver o filho morto

mas você dorme

as falas coalhadas a meio metro

do chão

a asa é

ficção

arquitetura de ar

como escrever

e buscar sempre um corpo maduro

que caiba

o enorme inseto laranja

pendula

seu ex-voo antigo

epigrafa o tempo

era um ovni?

quebrar uns copos na parede
ovnis cruzando o vácuo do quarto
sílabas de arritmia
escorrem
duplicam as paredes
o coágulo de seu olho na leitura apócrifa
era um ovni?

o morcego do remorso tem náusea ao menor sabor de
sangue

no pobre lábio

inscrever o corpo entre mãos
gritar no labirinto
ir patético
é seu hotel
você pele papel-vegetal em que
narraram a unhadas
os velhos pais a lascívia de sua distância
há um antigo inseto na lâmpada queimada
de seu desatino
ficou lá
e silencia
quando
você chega

o tempo nunca lhe foi selvagem o suficiente
suas páginas debulhadas
crespas
a bolha do olho
sólida

como se

tivesse relido o manual de civilidade do século XVI

e andava

um rasgo colateral

fantasma por onde eu fosse

possibilidade

nos pés as glândulas febris dilatam

o chão

antônimo

caminhar e suas estrias

escravas da procura

o chão

estreito em que solta pedaços

um braço um rim um começo

ali na imensa cólica da cifra

intacto descontorno

mediúnico

retalhos de mapas

asa epicena

asa sem tempo asa que nunca dorme

com sua leveza soterra de

origamis desfeitos

a cor indecorosa das cabeças

do alto rastreia a sombra dos que inscrevem o corpo

entre vãos

o algoritmo de tanto voo trinca a cerâmica

celeste dos sem futuro

alto demasiado alto

seu silêncio atravessa
meu olhar de bípede

asa de outras vidas
nuns dias pressinto que
está pousada em mim

cair

e mesmo dentro sempre deste quarto
essa deslocalização
estrela em sua testa

V

estou de pé
meu torso de homem médio respira entre alguns
| músculos
meu torso de homem digerível presente
qualquer notícia

estou de pé
os braços decepados

comprime um pouco meu diafragma esse outro homem
| de gesso
que dorme aqui dentro desde a grécia
e espera não sei que rebento

não sei que gravidade

continue dormindo

apenas de pé

e os detritos do que explode nem os posso tirar dos
olhos

se ainda há colinas estão cobertas de fuligem

meus amigos passam ao largo

também desmembrados

sem histórias que me contem

uma cidade nos nomeia e está exausta

mas esse jardim de sal em que nossos corpos ilustram

| os dias

não existe o suficiente

arrepia-se ao vento meu torso mutilado

os braços os braços cortados não acenam velhos

| golpes

buscam despetalar rosas de longe

rosas que nem vejo

algumas com cheiro de gasolina

cal

muito depois de todas as colinas

depois das roseiras e suas carnes pisoteadas

nossos braços serpentes cegas

contorcem gestos que ninguém vê

e nem ainda é noite

VI

VII

não sou meu nome

mapa

nem o da sina alheia

estrela de repulsa

a descoberto

casca

se é branco meu nome

se multidão e sua fome

meu nome me come

ausência que está no lugar de um pronome

não sou

nem o nome de frida kahlo

[onde a coragem de

deitado

atear fogo na cama cortar a barriga

para olhar o dentro?]

nem o nome de ícaro

falta filtro solar

fator zeppelin

meu sicrano se clona para ver pessoa na lona

é lua cinza em torno do planeta véspera

seus anéis tribais códigos estratos

nem tempo para escrever na areia

e perder o escrito quando o mar vem ler

meu nome é só madeira numa porta de silêncio

roupa-musgo

repousa sob a vigília de um pronome à sombra oblíqua

triste caso reto

VIII

proclítico

isômere ombro a ombro

sua pele

mal suporta

o que de dentro

desadentra

última pétala

sua língua

arrancaram-na e então

resta-lhe ser

isômere

a américa vem enquanto dorme

os olhos são todas as cores e

nenhuma

e nem era você que ia

mas o pressentimento

peixe turvo

eunuco

eu nunca

eutanásia

fariseu

seu fígado em patê

nos pães dos prometeus

que não
cessam de
nascer

IX

isso sem nome
que nem pássaro
 nem medo
 serpente vermelha das artérias
ou vida como cantam
é ir andando
 sem pássaro
 sem cálice
 sem metáforas ao passar pelo deserto

esqueçam a serpente
o acrílico dos dias
[abrem-se asas negras
bélicas tentativas de ejeção]
o esperma tóxico semanal
nuvens de nuvens
mas não é isso

matar o negro pássaro
cair
mas não é ainda isso

encontrar as mesmas palavras
é deitar-se ali [estou vasto?]
 sob essa árvore de esquecimento
até que uma única esfinge

entre o limo e o glacial do tempo
se multiparta
corpo aos pedaços
e já corpo não é
mas vácuo mantido a musgo
e quem maldisse o pássaro
e quem blindou a alma
quem pedra
quem se calou
não sentiu o rugido
na quanta floresta sob a pele
o coração é um vampiro

o que afinal dirão
do poema que ninguém fez
do poema que ninguém errou?

[ver pela sombra que o
pássaro
vai pousado no ombro]
caminho aberto
recorte ao trugal
de esquecido arrepio dos corvos de van gogh

nuns dias sou apenas asa
sem corpo

Alexander Nassau nasceu em 1971. “Dédalus vago” integra *O tempo da curva*, seu primeiro livro, publicado em 2010, pela Aves de Água. Contato: alexnassau@gmail.com.